



**As Aulas de Geografia do Ponto de Vista do Professor Multitarefa:
Análise de Casos com Docentes da Educação Fundamental II nas
Escolas de Cidadania Maria José Bezerra de Melo e Vilebaldo
Martins, Crateús, Ceará, Brasil**

*Geography Classes from the Point of View of the Multitasking Teacher:
Analysis of Cases with Elementary School II Teachers at the Maria José
Bezerra de Melo and Vilebaldo Martins Citizenship Schools, Crateús,
Ceará, Brazil*

Francisco Bruno de Souza Soares

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE),

<https://orcid.org/0000-0002-2859-677X>, bsouz650@gmail.com

Resumo

O presente artigo, tem como princípio o estudo de relatos de professores da rede de ensino pública no fundamental II. Dessa forma, evidencia-se como questão principal as dificuldades que o professor de geografia enfrenta em sala de aula, no que diz respeito às multitarefas que extrapolam seu tempo livre. Ademais, o objetivo desse artigo se perfaz nos aspectos relacionados ao educador e seu cotidiano na escola, trazendo a dinamicidade do que envolve a educação na esfera pública. Como metodologia, tem-se dois momentos, primeiramente a construção teórica através de estudos analíticos e secundamente o relato de professores de geografia para discursar com suas experiências e realidades em sala de aula. Por meio dessa análise, foi possível concluir que o ser professor é muito mais do que ensinar, mas também cuidar.

Palavras-chaves: Professor de geografia; Família; Escola; Educação Pública; Multitarefa

Abstract

This article has as its principle the study of teachers' reports from the public education network in fundamental II. Thus, the main issue is the difficulties that the geography teacher faces in the classroom, with regard to multitasking that goes beyond their free time. Furthermore, the purpose of this article is realized in aspects related to the educator and his daily life at school, bringing the dynamism of what involves education in the public sphere. Thus, dialoguing with authors such as (CARVALHO, 2014; PASSINI, 2011; SANTOS and TONIOSSO, 2014; POLONIA and DESSEN, 2014; CHECHIA and ANDRADE, 2005). As a methodology, there are two moments, firstly the theoretical construction through analytical studies and secondly the report of geography



teachers to discuss their experiences and realities in the classroom. Through this analysis, it was possible to conclude that being a teacher is much more than teaching, but also caring.

Keywords: Geography teacher; Family; School; Public education; multitasking

1 Introdução

É evidente, que o ser professor no século XXI é uma tarefa que requer bastante estudo e formação pedagógica frente aos impasses da educação pública. Dessa forma, o docente de geografia como outros profissionais da educação no ensino fundamental II, atravessam por diversas dificuldades dentro da dinâmica da sala de aula.

Sabe-se, que a instituição escolar está inserida dentro de uma sociedade que cada vez mais requer o professor como um agente múltiplo¹. Ademais, a educação como um bem comum que primeiramente adentra no campo da instituição da família como transmissores da experiência, dos deveres éticos, da aprendizagem primária que o pai e mãe transmitem para os filhos antes de estar no espaço escolar. Nesse sentido, pode se afirmar que:

Como professores em formação, ficamos nos indagando: o professor está preparado para a função de pai de quarenta alunos durante pouco mais de cinquenta minutos? A resposta são professores confusos e cansados com essa dupla função: construção do conhecimento científico e moral. Sentimos, antes de tudo, que temos que ser vigilantes para que nossas ações não contradigam nosso discurso. Um trabalho colaborativo entre família e escola objetivando o desenvolvimento intelectual, moral e emocional do aluno parece estar distante do ideal, além de presenciarmos uma falta de integração no trabalho de educação e formação. (PASSINI. 2011, p 66).

O professor se faz presente desde o ensino inicial ou fundamental I, no qual se constroi uma pedagogia que aproxima o aluno e o professor como um aspecto de parentesco familiar das relações sociais. Assim, controverso a esse contexto, cabe indagar que os alunos confundem o docente como uma mãe ou pai que precisa cuidar das necessidades do filho para além da sala de aula. Vale ressaltar que, paralelo a isso, o professor tem uma vida social fora das quatro paredes que envolve a sala de aula.

No Brasil, se constroi essa cultura de que a educação se faz dentro da escola. Dessa forma, os profissionais da aprendizagem carregam o fardo de que precisam aplicar uma

¹ Repleto de atividades e deveres, o que se exige algo a mais para além da profissão ser professor.



pedagogia que ensina não só o conteúdo, mas também os valores morais, sociais e intelectual que deveriam ser repassados pelos pais da mesma forma.

De acordo com Santos e Toniosso (2014, p. 124),

[...] abordar o tema incluindo todos que participam da relação escola-família, partindo do papel que cada um deve desempenhar e buscar reflexões acerca dos problemas cotidianos que as duas instituições enfrentam é uma maneira viável e prática de encontrar respostas que possam colaborar para que escola e família possam caminhar juntas no processo de formação do indivíduo.

A família e o professor, por outro lado, quando há uma integração de apoio ao aluno facilita a aprendizagem do estudante uma vez que os pais têm conhecimento das limitações do seu filho. Mas, esse diálogo ainda é passivo de impasses pois compreende-se que no fundamental II a aceitação por parte do núcleo familiar acerca das necessidades observadas pelo docente de geografia que possui um olhar mais humanizado torna ainda mais emblemático a profissão ser professor relacionado às múltiplas tarefas na Escola de Cidadania Maria José Bezerra de Melo e na Escola de Cidadania Vilebaldo Martins.

Como objetivo geral, procurou-se compreender a gestão do professor de geografia e seus múltiplos aspectos observando as dificuldades da sala de aula, objetivando evidenciar os resultados que o docente obteve durante as aulas por meio do método empregado e a experiência adquirida nas escolas Maria José Bezerra de Melo e na Escola de Cidadania Vilebaldo Martins. Ademais, como objetivo específico 1) Descrever, os problemas abordados durante o pós ensino remoto em relação ao desacompanhamento estrutural do aluno e acompanhamento dos pais na vida escolar dos filhos; 2) Enfatizar, os relatos abordados pelos professores de geografia frente a sua pedagogia em sala de aula.

Objetivando, compreender a atuação do professor em ministrar suas aulas frente a um período crítico nos pós ensino remoto. A metodologia desse trabalho, se deu da seguinte forma: 1) Através da análise de textos que exemplificam a relação família e professor; 2) Estudo de casos de professores por meio de seus relatos emblemáticos na educação pública; 3) Resultados por meio da análise de casos. Entretanto, é necessário destacar que esse estudo se faz necessário, uma vez que o docente é retratado como a resposta para todos os problemas dos estudantes.



2 Profissão ser professor: Um caminho muito além da sala de aula

É evidente, que a profissão docente requer uma construção acadêmica e pedagógica adequada. Uma vez que, o professor tem que lidar com situações novas durante o ensino de maneira que garanta o aprendizado e a construção de saberes, a partir do conhecimento e experiência prévia do aluno.

Dessa forma, é essencial que o trabalho do professor de geografia ou de qualquer outra disciplina seja acompanhado pela família ou pelo corpo docente da escola, em que a gestão do educador antes mesmo possua uma formação inicial principalmente em relação ao pós ensino remoto. Dessa maneira, abordando novas práticas metodológicas que fixem a atenção do aluno, trabalhando o desenvolvimento intelectual, emocional e moral se adequando a realidade do estudante, porém ainda é impasse. Segundo salienta Bruno Leal (CARVALHO, 2014) ao demarcar esse desenvolvimento:

Nos últimos 30 anos, o rápido desenvolvimento do computador e da internet, combinado com outros avanços tecnológicos, sobretudo no campo das telecomunicações, teve um impacto substancial em praticamente todos os ramos da indústria, nas mais distintas atividades profissionais e, como não se trata apenas de uma transformação técnica, mas sobretudo filosófica e comportamental, na maneira como as pessoas se comunicam e experimentam a realidade. (CARVALHO, 2014, p. 2).

Podemos compreender que, vivenciamos nos dias atuais o que seria a maior era do desenvolvimento humano depois da revolução industrial. Assim, às tecnologias trouxeram consigo na área da educação vários recursos didáticos que facilitam a aprendizagem dos alunos, além de relacioná-las a política cultural e o pensamento crítico.

A inserção da internet no Brasil em 1988 no âmbito escolar, ampliou mais e mais as possibilidades de aprendizagem significativas, porém nos dias atuais, com o acesso a informação veiculada por diversos canais, dificilmente o aluno irá se interessar pelas explicações teóricas do professor. Dessa forma, a escola deverá ser inclusiva e nela o professor precisará conhecer e se adaptar aos recursos de mídia, como jogos, vídeos, música, atividades práticas e outras formas, inserindo-os no planejamento. Para Passini (2011, p.102)

A nossa preocupação é ajudar os alunos a se tornarem pesquisadores, orientá-los e seguir os procedimentos de uma metodologia científica de investigação. A internet pode sim, auxiliar como fonte nessas investigações, mas é preciso que o aluno consiga selecionar as informações, organizá-las e tratá-las



para que elas tenham lógica e possam realmente auxiliar na busca das respostas pretendidas. (PASSINI. 2011, p. 102).

Contudo é controverso, pois sabe-se que mesmo o professor que utilizar pincel e lousa conseguem aulas produtivas sem aparato tecnológico, pois tem domínio do conteúdo e conhece bem seus estudantes, consegue trabalhar o proposto em seu planejamento, visando a aprendizagem dos estudantes. Mas esse profissional também enfrenta problemas, mesmo que aplique uma pedagogia crítica dos conteúdos que envolvem a geografia física e humana, o docente sempre irá passar por impasses na sala de aula.

A presença dos pais na escola possui uma grande importância, uma vez que estes estão acompanhando a aprendizagem de seus filhos. Pois, é lá que se torna possível a assistência e acompanhamento da rotina do aluno, e de conscientizá-lo sobre o valor de estarem presentes para o desenvolvimento do educando. Ademais, a oportunidade dos pais de avaliarem a escola e o ambiente no qual seus filhos estão inseridos e a preocupação do corpo escolar para com os discentes são essenciais (CHECHIA; ANDRADE, 2005).

Todavia, essa não é a realidade de muitos professores e até mesmo da instituição escolar. O que leva a crer que a visão do professor cuidador, fica ainda mais forte no contexto da educação no século XXI. O termo, “tio” e “tia”, utilizado muitas vezes pelos alunos como algo familiar, traz consigo esses valores de que não existe o professor profissional e educador em sala de aula, mas aquele que se assemelha ao parentesco e de certa forma a desvalorização do ser docente também acontece, e é encarado direto e indiretamente pelos pais. Ora pois, há um grande fardo e menos produtividade na profissão de educador e especialmente de geografia, pois além de lecionar o currículo e elaborar o plano pedagógico, às tarefas que envolvem a educação dos alunos para além do conteúdo são vistas como emblemáticas, uma vez que é tarefa dos pais.

Assim, a existência de uma boa relação dos pais com a escola e especialmente o professor, traz consigo suas vantagens para o educando. Denota-se, a maximização do aprendizado dos filhos compete não somente a pedagogia do docente, mas também da família que uma vez auxiliando e estando lado a lado com a escola, e não somente na reunião de pais. Trazendo assim, estratégias e permitindo à família o seu papel na educação como um todo (POLONIA; DESSEN, 2005).





3 Metodologia

De acordo com o que foi proposto, como metodologia de análise do relato dos professores da rede de educação municipal do ensino fundamental II de cunho qualitativo. Evidenciou-se fazer essa entrevista com os docentes que lecionam geografia, por meio de um questionário disponibilizado no *WhatsApp* pessoal de cada professor(a) na qual já se havia contato. Assim, dividiu-se esse artigo em dois momentos: teórico e prático.

Logo, em um primeiro momento procurou-se aprofundar essa discussão através dos estudos relacionados à pedagogia de ensino e às experiências em sala de aula dos professores ministrantes. Retratando às expectativas que já se tinham sobre o atual papel do professor em sala de aula na rede pública de ensino fundamental II no município de Crateús, Ceará, Brasil.

Após essa fase, partiu-se para às entrevistas concedidas com 4 professores da rede de ensino municipal, tendo em vista que alguns são formados em geografia, história, pedagogia e letras, mas que lecionam a disciplina de Geografia entre o 6º e 9º ano do ensino fundamental II. Logo, essa preocupação partiu das observações da modalidade estágio curricular na qual foi cursado nesse período e permitiu “abrir os olhos” para essa questão de bastante criticidade no ensino brasileiros e cearense.

Com relação ao objetivo específico 1) - Descrever os problemas abordados durante o pós ensino remoto em relação ao desacompanhamento estrutural do aluno e acompanhamento dos pais na vida escolar dos filhos - foi desenvolvido através do estudo teórico das relações entre pai, aluno e professor no âmbito escolar, por meio de livros, ensaios, textos acadêmicos para fins dessa pesquisa.

O objetivo específico 2) - Enfatizar os relatos abordados pelos professores de geografia frente a sua pedagogia em sala de aula - Traz consigo o peso emocional, prático e profissional dos professores de geografia do ensino fundamental II, por meio de uma entrevista composta por cinco perguntas direcionadas diretamente a esses quatro docentes para que se possa fazer a análise e resultados para os fins desta pesquisa.

Ademais, através dessas duas etapas se pretende atingir com êxito o objetivo geral - Compreender a gestão do professor de geografia e seus múltiplos aspectos múltiplos observando as dificuldades da sala de aula, evidenciando os resultados analisados na



seção 4 dessa pesquisa, em que o docente obteve durante as aulas por meio do método empregado e a experiência adquirida.

4 Resultados e Discussão

Mediante a abordagem da criticidade do professor pós ensino remoto, subtede-se que há uma analogia didática na qual o docente de geografia se vê em um novo desafio. Assim, trabalhar uma pedagogia que satisfaça às necessidades presentes em sala é o princípio para que a educação tenha seu propósito no currículo.

Sabe-se, que é possível utilizar das tecnologias os recursos pedagógicos, que quando bem trabalhados tornam o processo de ensino aprendizagem no campo da geografia ainda mais interessante, quando o professor se dispõe a produzir seu material através da teoria do currículo crítico. Contudo, é perceptível que nem todos os educadores são mestres em utilizar os recursos tecnológicos de maneira didática, portanto torna-se impasse dentro das escolas e por isso requer a formação continuada.

Ademais, cabe não somente ao professor o processo de ensino aprendizagem, mas também ao país transmitir os valores éticos e às experiências necessárias para a formação do ser crítico, o aluno que torna o “conhecido no estranho e o estranho no conhecido”. Dessa forma, por meio da análise de relatos que foram direcionados aos professores de geografia do ensino fundamental II, pois subtede-se que estes possuem a prática e o conhecimento das experiências em sala de aula.

Na Tabela 1, estão contidos às cinco perguntas na qual os professores irão tomar por base para argumentar seus relatos:

Tabela 1 – Perguntas direcionada aos professores de geografia do ensino fundamental II

Pergunta 1	Quais são as dificuldades em ministrar a sua aula de geografia após o ensino remoto?
Pergunta 2	Qual o método de ensino vem adotando para ensinar o conteúdo?
Pergunta 3	Às vezes os alunos chamam você de "tio" ou de "tia", você se sente confortável?
Pergunta 4	Você acha que a profissão “ser professor” ultrapassa os limites da escola?



Pergunta 1	Quais são as dificuldades em ministrar a sua aula de geografia após o ensino remoto?
Pergunta 5	Você acha que existe muita cobrança dos pais com relação a aprendizagem do aluno?

Fonte: Compilação pessoal do autor, 2023.

Observando o cenário da educação no pós ensino remoto, se faz necessário um olhar para o professor mais detalhado, pois pouco se discute sobre sua vida, suas relações sociais e sua saúde fora dos muros da escola. Com base nessas perguntas, deu-se espaço para ouvi-los e também tentar compreendê-los, sabendo que dentro da instituição escolar a cobrança por resultados advindo dos pais e do conselho escolar suga a vida dos docentes e por fim sua privacidade.

Um estudo feito pelo Nova Escola, mostrou que durante a pandemia da Covid-19, a saúde mental dos professores no ano de 2020 foi bastante afetada pelo excesso de preocupação, carga e sofrimento, em que 28% diz ser péssima sua saúde mental (Nova Escola, 2020). Dessa maneira, torna claro que quem mais sofreu durante o ensino remoto foram os educadores.

Por fim, foram entrevistados 4 educadores de geografia da rede pública municipal, no qual se licenciaram no ensino fundamental II. Adiante, a análise das respostas de cada professor em confluência com cada questão, dando espaço para a voz e resistência da educação para a valorização do professor.

Adiante, na Tabela 2, está contido às turmas/séries no qual cada professor dar aulas:

Tabela 2 – Séries em que os professores de geografia ministram suas aulas no ensino fundamental II

Professor 1	8º série e 9º série	Escola Maria José Bezerra de Melo
Professor 2	8º série e 9º série	Escola Maria José Bezerra de Melo
Professor 3	7º série e 9º série	Escola de Cidadania Vilebaldo Martins



Professor 4	6º série	Escola Maria José Bezerra de Melo
-------------	----------	-----------------------------------

Fonte: Compilação pessoal do autor, 2023.

4.1 Quais são as dificuldades em ministrar a sua aula de geografia após o Ensino Remoto?

O cenário das aprendizagens se perfaz dentro de limitações psicológicas e pedagógicas no qual o professor de geografia ainda se vê preso ao ensino tradicional e o uso do livro didático como meio mais fácil e notório de aplicar suas observações diárias em sala de aula.

Conforme Charlot (2008), o professor recebe em suas mãos instrumentos tecnológicos da escola para aperfeiçoamento das aulas, porém o docente alega não ser formado para isso. Deixando dessa forma, clara às dificuldades de ministrar aulas no período pandêmico e pós quando necessita utilizar de outras formas reinventar suas aulas buscando atrair de volta o interesse dos alunos.

De fato, às abordagens trazidas até aqui pelos quatro professores da rede de educação municipal no ensino fundamental II das escolas Maria José Bezerra de Melo e na Escola de Cidadania Vilebaldo Martins são bastante emblemáticas e de uma grande atenção do corpo escolar presentes nas falas do professor 1:

“Com o advento da pandemia da Covid-19 percebi que meus alunos estavam com déficit de atenção, potencializado em suas aulas. Com relação ao produto, percebe-se que os alunos não tinham interesse em realizar as tarefas, ler, pesquisar ou até mesmo adentrar ao conteúdo proposto, ou seja, assimilar a pergunta com a resposta.”

Assim, para Freire (2001), ler é uma operação inteligente e gratificante, mas ninguém estuda sem assumir sua curiosidade. Mas conforme o professor 1, nenhum estudante tinha interesse em ler o livro didático, o que potencializa o baixo déficit de participação no ensino online e prejudicou as aprendizagens e as interações sociais entre alunos e docentes. Também presentes na fala do professor 2:

“São inúmeros impasses que envolvem o trabalhar em sala de aula pós ensino remoto, uma vez que o aluno está voltando de um período de dois anos como um ser mais complexo. Dessa forma, existem vários contextos para exemplificar esse detalhe, ou seja, há o aluno que acompanhou as aulas inteiramente *online* e também aquele que não de maneira alguma poderia estar presente e obteve assistência estudantil, além de ter aquele estudante que o ER (Ensino Remoto) não o alcançou. Percebe-se, que os conceitos e aprendizagens que deveriam ser firmados no 9º ano do ensino fundamental são os mesmos de um aluno do 6º ano. O que se percebe, é que os estudantes estão se esvaindo



da construção dos conceitos e da consciência crítica que é tão importante para a geografia.”

Por outro lado, o uso de tecnologias para garantir a educação foi de investimento pessoal ou melhor “do próprio bolso”, que segundo o professor 2 tem momentos que ou você faz ou esvai. Chegando na escola, é perceptível que é necessário se inteirar com novos conhecimentos à medida que devemos estar inteiramente antenados com o conhecimento científico. De acordo com Schön (2014), é necessário assumir uma única resposta onde o professor e o aluno devem saber. Ou seja, o professor 3, porém compactua com a facilidade pedagógica de aplicar conceitos onde os alunos possam aprender:

Sempre há dificuldade de se trabalhar o conteúdo de maneira pedagógica em sala de aula. Sendo que, a pandemia alastrou a capacidade de percepção e atenção dos estudantes com relação ao seu desenvolvimento através do percurso (capítulo do livro didático de geografia) e também bastante desinteresse pela aula, motivação e vontade, como se estivessem muito cansados o tempo todo.”

Para Bernard Charlot (2008), o professor vem sofrendo uma contradição radical que para além de ministrarem seus conteúdos, este precisa ser cada vez mais reflexivo, autônomo e criativo, porém responsável pelos estudantes. Dessa forma, o que se percebe é que durante a pandemia se alastrou uma dificuldade enorme de manter focada a atenção dos alunos, mesmo após a volta às aulas, em que as aulas de geografia mesmo com aspectos humanos de se trabalhar a humanidade, não conseguiu formar adolescentes e crianças reflexivas. Para a professora 4:

Embora eu não seja formada na área de geografia, ministra suas aulas pela demanda de professores formados. Assim, para esse docente a disciplina de geografia requer bastante estudo e perseverança, uma vez que é necessário assimilar os conhecimentos que aprendeu durante sua carreira de educador. Contudo, na sala de aula é um desafio gigantesco visto que os estudantes chegam à escola com uma grande perspectiva, mas com relação à aprendizagem não conseguem compreender os conceitos e o que é discutido.

Salienta-se que o cenário das aprendizagens se perfaz dentro de limitações psicológicas e pedagógicas, no qual o professor de geografia ainda se vê preso ao ensino tradicional e ao uso do livro didático. Dessa forma, às abordagens trazidas até aqui pelos quatro professores da rede de educação municipal no ensino fundamental II são bastante emblemáticas e de uma grande atenção do corpo escolar. Para Freire (2001), é necessário se criar e formar um jarro sobre o barro não somente para sobreviver, mas para fazer cultura e aprendizagem.



O ensino remoto, transformou todo um progresso educacional em cinzas, pois a aprendizagem significativa mesmo com o uso das tecnologias para a didática em sala de aula, tornou-se impasse uma vez que a maioria dos docentes não possuem formação inicial ou continuada. Ademais, os estudantes são prejudicados tanto por questões psicológicas e desenvolvimento de traumas, mas também por um mau planejamento da gestão educacional pública em transformar escolas em espaços de convivência, acompanhamento e pertencimento.

4.2 Qual o método de ensino vem adotando para ensinar o conteúdo?

Compreender o método de ensino praticado nas aulas de geografia em sala de aula, é um dos primeiros passos para entender os motivos que levam às dificuldades de compreensão do conteúdo. Logo, a política educacional se evidencia na prática do professor e corresponde aos alunos, na perspectiva de se obter resultados, é um produto final.

A partir de Borochovicus e Tortella (2024), o ensinar é poder esclarecer o que não se conhece na educação, ou seja o novo em meio ao conturbado pela experiência passada por terceiros, mudando seu comportamento. Certamente, os momentos vivenciados na pandemia da covid-19 trouxeram para os alunos a partir da longevidade da sala de aula remota, alimentado pelas saudades dos professores e dos amigos, o que implicou na sua aprendizagem. O professor 1 explica que:

“Acredito que a leitura e a explicação de conteúdo são base para adentrar e se aprofundar nos conceitos que envolvem a geografia. Ademais, ao final de cada capítulo e de maneira lúdica sempre utilizo vídeos ou filmes para firmar o conhecimento, porém a ausência de internet na escola dificulta ainda mais o trabalho do professor a exemplo de jogos geográficos e fazendo contexto com a nossa atualidade.”

O uso de metodologias ativas é um escape para ensinar nas escolas brasileiras, uma vez que o ensino tradicional às vezes torna-se sucateado. Segundo Soares (2008), às instituições de ensino superior garante a efetividade e métodos com meios mais pedagógicos da nova geração. Porém, controverso a isso, a ausência de internet ainda é realidade em muitas instituições de ensino básico público que não possuem o amparo devido, ou o mesmo investimento, mas se tem alternativas para ensinar e garantir às



aprendizagens e em especial da disciplina de geografia. Sobre isso, professor 2 reafirma sobre isso que:

“Dentro do contexto dos recursos metodológicos não há sequer comprometimento da gestão escolar no qual estão totalmente desequipadas. Ainda houve conversas para a formação continuada através de metodologias ativas acerca do desenvolvimento educacional para a sala de aula, como debates, mesas de diálogo e exposições. Mas, às metodologias ativas e sua aplicação dentro do espaço escolar é alvo de impasses, pois o único espaço disponível na escola é a sala de aula, a lousa, o pincel, as cadeiras, e a grande maioria das escolas não possuem salas de informática. Sobre o contexto da sala de aula invertida, acredito que não é funcional, pois o estudante passar a se instrumentalizar em suas casas não seria o ideal, pois isso é observado em sala de aula. Eu utilizo a exposição oral dirigida e anotações de aula no quadro, acreditando que quando o estudante compreende o conteúdo como o professor pensa e raciocina, se é possível também transgredir esse conhecimento. A leitura como prática tradicional, a charge em diálogo com a língua portuguesa para compreensão e interpretação da realidade de forma crítica e reflexiva, mas é descrito pelo professor como literal dentro do campo da aprendizagem, também utiliza a leitura de um livro para o bimestre.”

Passini et al (2010) condiz sobre os recursos técnicos nas aulas se faz necessário antes de tudo que o docente entenda a importância da leitura e da escrita visando a evolução do sistema cognitivo do estudante. Tendo em vista a reclusão que o ensino sofreu durante a pandemia, a geografia que deveria ser uma disciplina que dialoga com a realidade é reiterada pelas falas do Professor 2. No mais, o único espaço destinado ao ensino é a sala de aulas e que é alvo de impasses para aplicar metodologias ativas por não possuir estrutura básica, ou até mesmo pensar e executar aulas de campo práticas. O Professor 3 condiz:

“Dentro das metodologias ativas o uso da sala de aula invertida é o método mais prático para que o aluno possa ter o conhecimento do conteúdo de maneira dinâmica e contextualizada, em diálogo com a atualidade. Só que ainda me vejo preso às aulas expositivas no ambiente da sala de aula.

Para Pimenta (1997), os saberes da experiência de ensinar são obtidas no cotidiano docente e escritos por outros professores em uma constante reflexão da realidade inserida. Tendo em vista, o desabafo do Professor 3 nos traz a explanação da falta de recursos para a formação para que profissionais sejam capacitados para novas metodologias. Adiante, o professor 4 reitera sobre o livro didático:

O livro didático adotado pelas escolas do município é o que direciona seu ensino na sala de aula sendo distribuído em percursos, que devem ser trabalhados durante o ano letivo e que as videoaulas podem ser um método de ensino que trabalha e dialoga bem com o conteúdo ministrado para os alunos.



Sendo assim, após o ensino remoto que durou por dois anos (2020 - 2021) na escola de Cidadania Maria José Bezerra de Melo como também Vilebaldo Martins, o professor ainda se viu recluso nos mesmos modelos e métodos de aulas tradicionais. Essa pedagogia, é descrita por influência do livro didático que direciona às aulas para um certo contexto que não mostra nossa realidade e sim a de outras nações. Dessa maneira, o currículo em seu âmbito crítico é afetado pela ausência de investimentos, não só escolares, mas docentes em se aperfeiçoar numa formação continuada. Contudo, é compreensível que as aulas remotas foram alarmantes para a saúde mental de ambos os lados e recomeçar seria o princípio.

4.3 Às vezes os alunos chamam você de "tio" ou de "tia", você se sente confortável?

Trabalhar o cotidiano é aquilo que conhecemos e que faz parte da nossa vida facilita a aprendizagem do indivíduo. Para Freire (1991) Além de se formar educador, o ser humano se faz professor em reflexão, na prática e na reflexão.

Nessa perspectiva, compreende-se que o ser professor é muito mais do estar numa sala de aula, mas assim transformar o conhecimento do aluno de maneira a criticar a realidade e não se abster de aceitá-la. Contudo, se confunde a profissão do educador com o termo “tio” e “tia” dentro da escola e de certa forma atrai a atenção. O professor 1 traz a seguinte retratação:

“Olha, confortável de ser chamado de “tio” e “tia”, pois acredito na visão de que há uma colaboração para a desvalorização da profissão. Acho que o aluno se sente confortável em sala de aula, e não sente necessidade de fazer o que o professor pede na aula, e o trabalhar por amor não entra dentro dessa perspectiva, pois subtende-se que estar professor é amor e valorização da carreira. Inclusive, mas quando um aluno o chama de “tio” ele também chama o estudante de “sobrinho” em tom de humor, na perspectiva de o discente perceber que não é agradável.”

Na visão de Aquino (1996), a relação entre professor e alunos é de extrema importância nas escolas, pois às relações pessoais imperam sobre a metodologia, conteúdo e avaliação, facilitando ou não. Contudo, às falas do docente de geografia da escola Maria José Bezerra de Melo traz esse olhar crítico acerca dos laços familiares que



podem fazer os discentes do ensino fundamental II extraem passivos de afeto para exercer aprendizagem significativa através do termo “Tio(a)”. Para o professor 2:

É um discurso constante em sala de aula, inclusive Paulo Freire tem essa fala de que o termo “tia” como pejorativo à profissão docente e por isso peço para ser chamada de professora. Mas é desagradável, pois na minha formação o termo necessário é professor. Dessa forma, o “tio” do aluno está carregado de uma situação emotiva que é diferente da conjuntura da família, mas não me incomoda com o termo por perceber que o estudante necessita se comunicar através deste termo.

De acordo com Belotti e Faria (2010), deve-se o dever do educador de auxiliar os educandos a utilizar os conhecimentos adquiridos, assim utilizando estratégias que façam os alunos contarem coisas pessoais. Dessa forma, cabe a “situação emotiva” citada pelo professor 2, onde mesmo que seja desagradável é compreensivo que seja levado em consideração para a capacitação da aprendizagem e o aluno possa se sentir bem em sala de aula.

“Não me incomoda em ser chamada de "tia". A maioria dos meus alunos, e até ex-alunos, me chamam assim.” Traz consigo, um discurso carregado de conformismo no que diz respeito à carreira docente nos dias atuais. Dessa maneira, alguns professores não se sentem desagradáveis” (Professor 3). “Eu pessoalmente não me sinto desconfortável.” Logo, reafirma o que foi dito, uma vez os profissionais da educação percebem que o estudante tem uma necessidade de chamar o professor de “tio(a)” às vezes por motivos pessoais que emotivamente se relaciona a esfera familiar” (Professor 4).

Ademais, de acordo com os discursos anteriores dos professores 3 e 4, por carregarem uma mesma visão, como uma pedagogia de análise crítica, o professor às vezes não percebe ou se deixa ser chamado de “tio(a)” por acharem natural que o estudante se sinta confiável de chamar sua atenção. Assim, Freire (2007) reafirma que o educador precisa ser um aprendiz ativo e cético. Ou seja, muitas vezes é necessário ser chamado por um termo pejorativo, pois a carreira docente é sobre meios de imperar a educação.

4.4 Você acha que a profissão ser professor ultrapassa os limites da escola?

Tendo em vista, que a profissão ser professor é bem mais do que estar dentro de uma sala de aula, o educando é bastante cobrado também fora do ambiente escolar. Para



Zagury (1999), é crente que haja amizade entre o educador e o educando, mas que precisa haver hierarquia de papéis.

Dessa forma, a carga horária semanal ultrapassa bem mais do o que se dedica a sala de aula. Do mesmo modo, Belotti e Faria (2010), cita que é necessário ter limite, ou seja, nada caminha sem esse barramento. Nesse contexto, é necessário que os pais saibam diferenciar essas situações onde a educação básica vem de suas casas. Nas falas do Professor 1 em seu relato:

“Uma vez que levamos o trabalho para a nossas casas, subtede-se que estamos longe dos limites dos muros da escola, há muita burocracia. Contudo, parece que após a pandemia às atividades exteriores aos da sala de aula sugam nosso tempo do que realmente importa que é o planejar as aulas. Dessa maneira, muitas aulas ficam a desejar ou não são terminadas de acordo com o objetivo que criamos em nossa pedagogia, e ademais nos finais de semana não se tem tempo livre. O professor tem que se virar como pode, e a internet da escola como bem comum que deveria proporcionar e agilizar as atividades extras é um faz de conta que devemos considerar, levando o trabalho para os nossos lares.”

Reafirmando as falas do Professor 1, para Belotti e Faria (2010), não é nada fácil ser professor pois os problemas chegam dentro de suas casas, e que os pais não buscam uma relação afetiva com os filhos. Dessa maneira, é nessa fase da adolescência que as descobertas são afloradas entre os estudantes que procuram o educador para resolver suas dúvidas pessoais. Ainda, o Professor 2 reafirma que:

“Essa história do professor ultrapassar as barreiras da escola, que foi defendida na década de 80 no qual os professores tinham múltiplas funções. Assim, hoje o(a) professor(a) compreende que o sistema de ensino se organizou para exercer sobre o indivíduo um peso exacerbado sobre uma profissão, e o profissional da educação se encaixa dentro desses parâmetros que é necessário possuir essas competências, ou seja, o docente como um ser crítico para além da escola. A questão das equipes multifuncionais, são bem emblemáticas pois compreendo que é necessário o apoio de outras profissões dentro do espaço escolar, mas que possua formação para tal. Pois, em essência é necessário a formação e especialização como base para um contexto, e para além da escola é necessário ter conhecimento e buscar o que for de melhor e qualidade para a docência que Terezinha Rios propõe. Contudo, compreende-se que não há um professor puramente pedagógico neutro, desassociado da realidade e fora do contexto da educação.

Às falas do Professor traz em tom de preocupação a profissão docente no século XXI no que tange fazer o trabalho de outros profissionais que se formam para tal atividade. Reafirmando isso, Charlot (2008) diz que não há educação sem simpatia entre adultos e com jovens de forma antropológica de mimar os “bebezinhos”. Ou seja, é



impossível não se apegar aos alunos durante o ano letivo e isso leva os docentes a fazerem atividades extra letivas.

Entretanto, o professor 3 cita que não são apenas "estudantes", mas seres humanos que trazem suas histórias de vida e que precisam ser atendidos em suas peculiaridades. Portanto, acompanhar e conhecer um pouco da vida do seu aluno(a) é imprescindível para entendê-lo no contexto escolar. E, não ensinamos apenas conteúdos, o ensino precisa ser integral, abrangendo várias áreas de sua vida.

Porém, para o professor 4, “sim, a gente acaba criando um vínculo afetivo bastante forte entre eles(alunos).” Dessa maneira, entende-se que o trabalho do professor é para além da sala de aula, e que além do lado afetivo, o contexto da grade curricular reitera-se também fora da escola, uma vez que os vários impasses ultrapassam a sala de ensino e é necessário resolvê-los em casa.

4.5 Você acha que existe muita cobrança dos pais com relação a aprendizagem do aluno?

A cobrança faz parte da vida diária do professor de geografia e de outras áreas, assim na rede de ensino pública a busca por resultados por parte dos pais e da escola se faz necessária. Para Perrenoud (2000), é na escola que se dá lugar aos ensaios e erros e à tomada de consciência. Mas o problema vai bem mais além, onde o educador se vê “afogado” de deveres e potencializado pelo ensino remoto que trouxe consigo dificuldades na aprendizagem dos estudantes. Logo, o Professor 1 sobre isso afirma que:

“ É necessário que se cobre a aprendizagem dos alunos, porém alguns pais cobram e outros não. Posso observar que aqueles estudantes que são cobrados têm um desenvolvimento educacional bem superior com relação a resultados individuais. Mas, compreende-se que a escola é o local ideal para os pais se livrarem de seus filhos.”

Assim, para Freire (1987), a educação deve desenvolver a libertação de concepções de problematização do ser humano e suas relações com o mundo. Porém, o que acontece em casos isolados é a cobrança de resultados na pedagogia do professor em especial que leciona geografia sobre a mudança de comportamento dos filhos, mas que contradiz a educação ensinada de “berço” que não é eficaz na maioria das famílias.



“A demanda dos pais pelo trabalho suga a convivência diária com seus filhos e não consegue acompanhar o ritmo do estudante, caindo na decepção com o fechamento do bimestre. A cobrança, em relação aos professores é meio ofensivo, uma vez que culpam o educador pelo baixo rendimento dos filhos, levando a compreender que a ausência de rotina é o verdadeiro vilão dentro do lar. O fato de estar resolvendo uma tarefa na sala, não condiz com a aprendizagem, por isso é dificultoso cobrar resultados sendo que não há assistência da família na rotina do discente, ou seja, o prestar contas com fundamento, em diálogo lado a lado com a esfera escolar e esfera familiar.”

Visto essa situação, é compreensível que os pais também possuem suas demandas de trabalho e esperam da escola resultados positivos de seus filhos. Acrescentando a isso, Belotti e Faria (2010) citam que os professores terão que utilizar aquilo que se apresenta para criar critérios técnicos. Ou seja, que se aplica a situação dos educandos que não tem em casa o apoio dos pais em relação a temas como exemplo da sexualidade, e então cabe ao professor de geografia 2 lidar com isso.

Sobre esse contexto, o professor 3 cita “sinto que o acompanhamento dos pais é muito pouco. A sensação é que eles, os estudantes, estão sozinhos.” Deixando claro que a ausência da família para a aprendizagem do estudante é realmente necessária. Assim, não cabendo somente ao professor o ensino de conceitos e criticidade, mas a esfera familiar na cobrança de resultados e até mesmo ajudando na reintegração do contexto educacional.

Assim, para o professor 4 “sim, já que a família muitas vezes se omite de ensinar aos alunos algumas obrigações e jogam tudo na responsabilidade da escola.” reafirmando os relatos anteriores. Ou seja, é emblemático e dramático a realidade do ensino público e de qualidade, pois os professores têm que lidar com outras esferas fora da educação ou até mesmo a escola.

Dessa forma, é compreensível que os deveres da família também demandam muito tempo e com relação ao cotidiano dos filhos a inexistência de atividades reflexivas, ou de conversas são demandadas a escola como se fossem o seu papel e o estudante é quem sofre com essas perspectivas.

5 Considerações Finais

Nesse contexto, trazendo o que foi discutido anteriormente, a esfera familiar e escolar andam lado a lado no contexto educacional. Assim, esse estudo esteve voltado ao profissional da educação, o professor(a) que possui uma renomada profissão do século XXI, mas que ainda é alvo de impasses e de desvalorização na conjuntura política atual.



Assim, a multiplicidade do professor que também é dono ou dona de casa, pai e mãe e outras tarefas do ponto de vista cotidiano, também se perdura dentro da sala de aula no que tange a cobrança por desenvolvimento pessoal de cada educando. Nesse sentido, o(a) professor(a) de geografia da educação pública municipal é incessantemente cobrado por resultados ressignificando a afetividade com a visão do educador durante o ano letivo.

O acompanhamento estrutural da família, como instituição base para o ensino nessa nova perspectiva de ensino poderá vir a comparecer, visto que o professor ainda é compreendido como profissional de múltiplas tarefas pedagógicas e sociais. Dessa maneira, a política pedagógica de um currículo estritamente crítico e cultural se faz necessário, mas que precisa haver colaboração ou um trabalho que favoreça não só o aluno, mas o docente e os pais. Ademais, tendo em vista que o período pandêmico afetou não somente a escola, mas às famílias que são a base da estrutura e pilares da educação brasileira.

Através dos resultados obtidos nos relatos dos professores, espera-se que essa pesquisa satisfaça e contribua para novas perspectivas de análise da conjuntura da educação brasileira no que diz respeito aos professores de geografia e sua área de atuação. Levando assim, a refletir sobre a realidade política no âmbito escolar, a valorização do docente e principalmente o ensino aprendizagem dos estudantes, pois esses serão os agentes transformadores da sociedade.

Referências

AQUINO, Julio Gropa. A relação professor-aluno: do pedagógico ao institucional. São Paulo: Summus, 1996.

BELOTTI, S, H, A; FARIA, M, A. **Relação Professor/Aluno**. Revista Eletrônica Saberes da Educação, v. 1, n. 1, 2010, p. 1 - 12.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor De. **Faça Aqui o Seu Login: os historiadores, os computadores e as redes sociais online**. in: Revista História Hoje, v. 3, n. 5, 2014, p. 165 - 188.

CHARLOT, B. **O professor na sociedade contemporânea: Um trabalhador da contradição**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 17, n. 30, p. 17-31, jul./dez. 2008.





CHECHIA, V. A.; Andrade, A. D. S. (2005). **O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar.** in: Estudos de Psicologia, 10(3), 431-440.

FREIRE, P. **A educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, P. **Carta de Paulo Freire aos Professores.** Editora Olho D'Água, 10ª ed. p. 27-38.

FREIRE, P. **Educação e mudança.** 30ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 39ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PASSINI, E. Y. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PASSINI, E, Y; PASSINI, R; MALYSZ, S, T. **Prática de geografia e estágio supervisionado.** 2. ed. São Paulo, Contexto, 2011, p. 11-196.

PIMENTA, S. G. **Formação de professores – Saberes da docência e identidade do professor.** São Paulo: R. Fac. Educa., v.22, n.2, p.72-89, jul/dez 1996.

POLONIA, A. C.; DESSEN, M. A. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola.** in: Psicologia escolar e educacional, 9(2), 303-31, 2005.

SALAS, P. **Pesquisa: educadores relatam melhora na saúde mental em comparação com 2020.** in: Nova Escola, 4 de outubro de 2021. Disponível em:<[https://novaescola.org.br/conteudo/20696/pesquisa-educadores-relatam-melhora-na-saude-mental-e-receios-para-a-retomada-presencial-das-atividades#:~:text=Quase%20metade%20\(47%2C8%25\),ano%20s%C3%A3o%2013%2C7%25](https://novaescola.org.br/conteudo/20696/pesquisa-educadores-relatam-melhora-na-saude-mental-e-receios-para-a-retomada-presencial-das-atividades#:~:text=Quase%20metade%20(47%2C8%25),ano%20s%C3%A3o%2013%2C7%25)> Acesso em 17 de março de 2022.

SANTOS, L. R; TONIOSSO, J. P. **A importância da relação escola-família.** in: Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, São Paulo: Bebedouro. v. 1, n. 1, 2014.

SCHÖN, D. A. Formar Professores como profissionais reflexivos. in: NÓVOA, Antônio (Coord.). **Os Professores e a sua Formação.** 3ª ed. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1997.

SOARES, M. A. **Aplicação do método de ensino Problem Based Learning (PBL) no curso de Ciências Contábeis: um estudo empírico.** 2008. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade), Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2008.

